



## A fraga das dunas

A n t ó n i o   C a b r a l

A caverna desta peça está situada no fragão dum declive acentuado sobre o rio. Neste caso trata-se do rio Douro, em qualquer ponto de Mazouco a Barqueiros. O palco representará uma caverna esverdeada. Entrada à direita para um desvão protegido por uma língua rochosa ao alto que corre da direita alta até ao meio da caverna. Ao fundo, também a meio, outra rocha semelhante à anterior, vinda da esquerda baixa, indica a passagem para uma gruta. A meio da esquerda, uma porta de madeira que abre para dentro e permite a saída para o exterior.

Nas paredes vêem-se, ao fundo, uma prateleira com louça e sob ela, ao alto, uma mesa articulada: à direita, três cabides ou, de preferência, um tronco de arbustos secos com galhos salientes; e, à esquerda, um lavatório de ferro com jarro na bacia e toalhas pendentes junto do catre do casal. Três mochos de madeira e um biombo de duas peças articuláveis encostados à parede desse lado.

No pano rochoso da direita, em cima e ao centro, há uma acentuada reentrância onde fica uma janela rudimentar: caixilhos vermelhos e um cartão branco dividido em quatro por linhas amarelas a imitar os vidros. Um candeeiro móvel com botija de gás está em cima dum mocho, junto do catre, logo de começo. Três pequenos castiçais de alumínio com as respectivas velas, cada qual em seu nicho – à entrada da caverna, da gruta e do cubículo de Joaninha, à direita.

### PERSONAGENS

João, *o pai*

Joana, *a mãe*

Joaninha, *a filha*

Personagem, *uma figura impessoal que tanto pode sugerir o espírito da vegetação como o das entranhas da terra, uma corporização de crenças e saberes ancestrais. Baila e saltita mais do que anda e a sua actuação raia sempre o burlesco.*

Quando no decurso da peça se indicar escuro e luz é a Personagem que apaga e acende o candeeiro e/ou os castiçais, se não houver outra indicação.

## I

De início, João e Joana estão a dormir serenamente. O aposento da direita é o quarto de Joaninha, mas ela não está. Luz frouxa que vem da esquerda. Após um breve rufar de tambores, entra, vinda da gruta interior a

PERSONAGEM (*junto do catre onde dormem João e Joana*) – Eis o homem, hi, hi, o filho muito amado, digno de todas as complacências, hi, hi. Vede-o: metade para um lado e metade para o outro; em breve renascerá, hi, hi, a ervilheira – pasto apetitoso de pássaros bisnaus. (*Para o público, no proscénio*) E já foi, hi, hi, e já foi. (*Aproxima-se do catre e dirige-se a João.*) És bem trouxa! Pregavas-lhe umas lombeiradas valentes, ao dobrar da esquina. (*Como se o braço fosse um pau, faz o gesto de lhe bater.*) Pumba, pumba, pumba. Hi, hi, hi. Era assim. Não quise saber e agora és tu que as mereces. Hi, hi, hi. (*Sai para a gruta.*)

JOANA (*levantando-se, assarapantada*) – Quem está aqui? Quem me bateu? (*Acende o candeeiro.*)

JOÃO (*soerguendo-se*) – Que foi?

JOANA – Alguém me bateu. Foste tu?

JOÃO – Eu?! Algum dia te bati? Tu é que..., quer dizer..., tu não: tu não fazias isso. (*Arregaça a manga dum braço.*) Eu é que senti uma bordoadá neste braço.

JOANA – Deixa ver. É verdade. Notam-se uns vergões. Olhem que esta! (*Apalpa os seus próprios braços.*) Mas eu não sinto agora nada. E, quando estava a dormir, senti. (*Sai pela direita e volta de imediato.*) Ora vá: deixa-me pôr-te no braço um pouco de pomada. (*Vai pô-la mas detém-se.*) Oh, oh! Como é que foi isto? Já se não topam os vergões.

JOÃO (*saindo da cama*) – Andamos os dois com as cataratas luminárias. Vou mas é matar o bicho. (*Sai pelo fundo e regressa com uma malguinha de figos secos e uma garrafa de aguardente, armando a mesa de comer.*) Dormiste bem?

JOANA – Dormi. E tu?

JOÃO – também.



JOANA – Mas aquela das bordoadas cá me fica. *(Sai também pelo fundo e regressa com metade dum pão de centeio envolvido num pano, uma cafeteira, faca e dois garfos.)* Vou acender o lume. *(Deixa pão, faca e garfos na mesa e sai pela esquerda.)*

PERSONAGEM *(Entra e pela falta de reacções do João, percebe-se que lhe é invisível.)* – Hi, hi, hi. *(João come uns figos e bebe um trago de aguardente.)* Estes ficaram banzados para o resto da vida. Hi, hi, hi. É preciso sacudi-los de quando em quando. Hi, hi, hi. *(Ouve-se um pássaro cantar.)* Já pinta o figo na ribeira? Ainda não. É de manhã que se começam os bons dias. O sol entra nas pedras, as pedras entram no sol, lá vai um bando de perdizes assaralhoadas em direcção ao rio. O rio, não tarda, começa a entrar nas coisas, sobe às árvores e os peixes ficam pendurados nas laranjeiras. Os homens têm a mania de lhes chamar laranjas, hi, hi, hi, é a mesma coisa Hi, hi, hi. Deixa-me ir embora, que a mulher vem aí. É mais reguila do que este bom-serás e, como anda a susminar, deixa-me ir, ao menos por esta vez. Hi, hi, hi. *(Sai pela gruta..)*

JOANA *(entrando)* – Eras tu que te estavas aqui a rir? *(Ouve-se o ladrar dum cão.)*

JOÃO – Nada disso, mulher: era o marantéu, que eu bem no ouvi. Tu não ouviste?

JOANA – Ouvi. Pois seria o marantéu.. *(Pausa.)* Olha lá: a lapa, à entrada desta casinha, precisava dum arranjo.

JOÃO *(comendo)* – Que arranjo? Dá para a lareira e para o cão. Chega bem.

JOANA – Pois chega.

JOÃO – Então... Cá na minha aquilo devia ser só para guardar a lenha. A lareira fazia-se aqui dentro e o cão dormia aqui também. Sobretudo no Inverno.

JOANA – E tu a dares-lhe. Bem sabes que não pode ser.

JOÃO – Pois é: a nossa filha não quer.

JOANA – Pois é: por causa do fumo que se mete em tudo.

JOÃO – E se eu abrisse ali *(apontando para o canto da esquerda, ao fundo,)* uma janela?

JOANA – Já disseste. Eu, cá por mim, concordo.

JOÃO – Não vai ser fácil.

JOANA – Pois não, mas eu ajudo. Pica hoje, pica amanhã... Até se podia pedir a alguém uma perfuradora.

JOÃO – Boa ideia. O patrão tem uma na quinta. Boa ideia. A rocha ali parece-me estreita.

JOANA – Também podíamos ... Onde temos a videira alta da parte de fora... Ora, deixa-me pôr a cafeteira ao lume que já deve estar vivo. *(Antes de sair, dá-he um beijo.)*

JOÃO – Espera aí, ó sócia. Também podíamos o quê? *(Pausa.)*

JOANA – Ora, podíamos fazer na lapinha um tapume de madeira com uma boa cancela. Temos lá os potes e demais trastes da cozinha ao desamparo.

JOÃO – Quem é que nos vem aqui roubar?

JOANA – Sabe-se lá.

JOÃO – Ainda tenho a espingarda.

JOANA – Além disso, o cão pode tornar-se vadio, ir de noite para os montes e ser comido pelos lobos.

JOÃO – Prende-se a uma corrente. Ora, ora, já estamos aqui há uns meses e nunca foi preciso. Prende-se a uma corrente, pronto, pronto.

JOANA – Pior. Deixa-me lá ir. *(Sai.)*

JOÃO *(indo arrumar uma garrafa na gruta)* – Por aqui não há lobos. Quais lobos qual carapuça! *(Regressa, seguido da Personagem, ficando ele de frente para o público, a rilhar um figo, e ela a meio da cena.)* Eu só vi um lobo quando era catraio. Vinha com o meu pai, à noite, para casa. E puseram-se-me os cabelos de pé, lá isso puseram. Agora, nicles: os lobos desapareceram.

PERSONAGEM *(imitando a voz de Joana)* – Tens a certeza?

JOÃO – Prà frente que atrás vem gente.

PERSONAGEM – Estás a pensar ficar muito tempo nesta casa?, ou antes, nesta caverna?

JOÃO – Até estou... E tu?

*(Projecção de diapositivos com paisagem típica duriense, rio ao fundo.)*

PERSONAGEM – Lá vai um bando de perdizes a tornear a malha das cornalheiras. Se estivesse aqui com a espingarda... Tu não vês, mas eu vejo.

JOÃO – Pudera! Daí vê-se tudo. *(A Personagem sai para o exterior e, pouco depois, entra Joana.)*

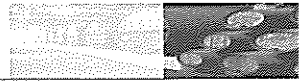
JOANA *(com uma braseira de ferro cheia de brasas e cafeteira nela, de pé.)* – Que estavas aqui a resmungar?

JOÃO – Estava a falar contigo.

JOANA –Disso gosto eu. *(Põe a braseira no chão e a cafeteira num prato em cima da mesa.)* Sabes o que te vou dar? *(Sai para a gruta e volta logo.)* Aqui tens um chicho de marrã. Assa-se nas brasas para comer com broa. *(Põe-na a assar.)*

JOÃO – E tu?

JOANA – Bem sabes que de manhã só tomo café com um nico de leite de cabra e umas sopinhas molhadas na malga. E migas, pois, migas. *(Prepara a mesa e, após isso abanca, mantendo-se ele de pé, passeando, parando, sentando-se, vol-*



*tando a passear.*) Não me digas que estás nervoso.

JOÃO – Nervoso? Ora essa! (*Tira a carne da brasa e põe-na em cima dum naco de pão.*)

JOANA – Às vezes dás-me a impressão de que metes para dentro.

JOÃO – Pois meto. O chicho já me está a saber bem.

JOANA – Na lapa de entrada... Ali (*Aponta a esquerda-centro.*) não sei bem como se há-de fazer... Talvez prolongar o tapume de que falámos... para o tanque donde corre a bica de água.

JOÃO – Já'gora!

JOANA – É que o zimbro e as oliveirecas que estão à volta não tapam a vista.

JOÃO – Melhor.

JOANA – Quando estamos a tomar banho... A nossa filha também vai lá... Quem se livra dum olhapim?

JOÃO – Ora, ora. Deixa-te de niquices. Depois se vê.

JOANA – Quero ver se ainda tens os vergões.

JOÃO – Não tenho.

JOANA (*arregaçando-lhe as mangas*) – Como sabes?

JOÃO – Sei.

JOANA – Tens razão. Um dia, a minha avó disse-me que o meu avô acordou também com uns vergões. Foi consultar uma sábia e ela disse-lhe que podia ser feitiço armado pelo vizinho. Recomendou-lhe que lhe pusesse à porta, sem ninguém dar conta, um emborro feito de ervinhas, sal e sangue de menstruação. Remédio santo: o vizinho passou a tirar chapeladas ao avô a quem os vergões desapareceram. E, pelo visto, foi o vizinho que ficou de caganeira durante um mês. Ia indo desta para melhor.

JOÃO – Acreditas nisso?

JOANA – Não, mas lá que há feitiçarias e emborros, seja como for, isso é que há.

JOÃO – Como viste, não tenho vergões nenhuns. Foi das palhas da enxerga. (*Ri-se.*) «As iludências aparudem».

JOANA – E também não acreditas no que disse o padre na igreja? Que um santo, depois de tanto cismar nas maldades do mundo, ficou com as cinco chagas de Cristo gravadas no corpo?

JOÃO – Fizesse um emborro.

JOANA – A quem? À porta de toda a gente?

JOÃO – Cala o teu biquinho de cotovia e não te aflautes. Já comemos?

JOANA – Já. (*Dá-lhe um beijo.*)

JOÃO – Hoje é sábado e, como sabes, não vou trabalhar para o patrão.

JOANA – Ele percebeu que precisavas de fazer uns biscatos no cherrubial?

JOÃO – Olarila. Até me emprestou uma tesoura moderna para limpar as oliveiras. *(Vai à gruta buscá-la, trazendo também um serrote e uma sachola.)* Tu levas a sachola para amanhares a horta. Tiras-lhe as ervas que puderes. E arrancas umas cebolas para a tua irmã. Também uns pimentos e tomates, alface, o que quiseres. Depois rega. Se vires que não podes fazer tudo, deixa a sacha para mim.

JOANA – Vamos. *(Saem, apagando o candeeiro. Entra a Personagem.Luz.)*

PERSONAGEM – Hi, hi, hi. *(Ao som de música clássica, vai bailando durante cerca de um minuto. Batem à porta e ela vai abrir.)*

VOZ OFF – É aqui que mora o senhor João Bicho?

PERSONAGEM – É.

VOZ OFF – Eu sou o carteiro e trago-lhe aqui uma carta.

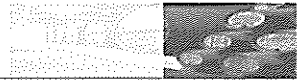
PERSONAGEM – Pode deixar. *(Entra. Põe a carta em cima da mesa e continua a dançar.)* Não. *(Pega na carta.)* Vou pô-la debaixo da porta. *(Sai e volta a entrar em passos de bailado. Ouve-se um cão a ladrar. Silêncio. Cantam os pássaros. O mesmo diapositivo da paisagem duriense.)*

VOZ OFF – Aqui, Douro. O paraíso do vinho e do suor<sup>1</sup>. *(Música forte, durante trinta segundos. Fim de diapositivo. A Personagem sai para a gruta..)*

## II

JOANA *(Entra com uma carta na mão. Acende o candeeiro, põe-no em cima da mesa e lê o remetente do endereço.)* É do Reizinho cá da terra. *(Sorri.)* O tal que dizem que pegou ou mandou pegar o fogo à nossa casa. Que é que ele quer? *(Faz menção de abrir a carta.)* Não, não abro. Um rais me pelira se eu não sei o que ela diz. *(Faz o manguito.)* Querias? Batatas com enguias! O meu deve estar a chegar e depois lemos os ois. Assim é que é. *(Dirige-se para a gruta.)* Deixa-me ir buscar umas batatas para o comer. *(Pega no castiçal, acende a vela e entra. Ouve-se a sua voz:)* Está aqui alguém? Está ou não está? Está mesmo. Ora porra!: é a minha sombra. *(Sai com uma cestinha de batatas.)* Lá sentir uma presença, ora, isso é que senti. Afinal de contas era eu. Ou seria um rato? *(Pára e pensa.)* Mas, se fosse, ratava-me as batatas e elas não estão ratadas. Era eu, pois. Às vezes dá-me para falar com a sombra. *(Põe-se no meio da cena, de frente para o fundo, vai depois buscar o candeeiro, coloca-o perto da boca de cena, também ao meio, e retoma a posição ante-*

<sup>1</sup> Pode acrescentar-se: Vinho do Porto, é verdade,/ quanto mais velho melhor./ Mas envelhece primeiro / a alma do agricultor.



*rior, olhando para a sua sombra projectada.) Lá está ela. Ela ou eu? (Ouve-se o riso da Personagem: hi,, hi, hi.) Até parece que se está a rir. Essa agora! Espero que se ria da carta.(Joana ri-se: hi, hi, hi. Põe as batatas na mesa e começa a descascá-las.) Até me admira a carta não vir em nome de João Bicho, como outras. (Lê.) Excelentíssimo Senhor – tinha de ser: quem quer larpar aquilo que é dos outros precisa de ter falinhas mansas. (Continua a ouvir-se a sua voz, mas em sonoplastia:) Chamam-nos os bichos do buraco. (Música suave.) Tenho cá para mim que mais vale ser os bichos do buraco do que...do que...(Joana imobiliza-se.)*

PERSONAGEM (*entrando e ficando parada à entrada da gruta*) – Não te chega a língua, querida. Eu ajudo. Vale mais ser os bichos do buraco do que os buracos do bicho.(*Baila, ao som de música de valsa, sem se afastar muito da gruta.*)

VOZ DE JOANA – Sem querer ser má língua, parece-me, lá isso parece, que algumas pessoas são como buracos...

PERSONAGEM (*Pára o bailado, enquanto fala.*) – Diz tudo: como buracos de retrete, como canos de esgoto.

VOZ DE JOANA – Quer dizer, se a gente visse tudo...

PERSONAGEM – ...também topava a porcaria. Nem mais nem menos: porcaria.

VOZ DE JOANA – Credo!

PERSONAGEM (*para o público*) – Há sempre uma hora em que as pessoas se admiram de ver o que sempre tiveram diante dos olhos.

VOZ DE JOANA – E nós não teremos também uns buraquitos por dentro? (*Instante de música forte.*)

PERSONAGEM – Lá estás tu a mudar de conversa. Olha lá, ó lambisgóia: quando se fala duma coisa não se fala doutra. Claro que tu tens os teus buraquitos, como o teu homem, como toda a gente. O que interessa agora é saber doutros buracos. Não mudes de conversa.

VOZ DE JOANA – Eu cá não sei nada de políticas.

PERSONAGEM – Hi, hi, hi.

VOZ DE JOANA – Dá-te o riso? Tenho mais que fazer. Vou pôr as batatas ao lume. (*Sai para fora e a Personagem continua a bailar ao som de valsa até ela chegar com uma vassoura de giestas. A Personagem mira-a bem de frente, sem ela dar conta, e regressa à gruta. Joana acende todas as velas e começa a varrer.*) Este chão, apesar de arranjado, não está cá para o meu gosto. O tempo tem ido quente, mas depois das vindimas chega o frio. (*Pára.*) Deixa ver. Uma alcatifa não ficava mal, nem que fosse dessas baratuchas, pois o dinheiro é pouco. É isso mesmo: temos de comprar uma alcatifa.

VOZ DA PERSONAGEM – Do que Deus te livrará. Nem penses nisso.

JOANA – Então fazem-se dois estrados com ripas de madeira: um para pôr debaixo da cama e outro debaixo da mesa. Ah!, e outro para a cama da Joaninha.

VOZ DA PERSONAGEM – Não.

JOANA – Não o quê, ó minha sombra? Oh minha tonta!

VOZ DA PERSONAGEM – A tua filha, estás cheia de saber, delira com a cama de rede pregada nas fragas.

JOANA – Quanto à Joaninha, és capaz de ter razão. E agora, rol-rua, sombra do catrino. Deixa-me varrer o tugúrio. (*Varre.*) Ah, vou ver como estão as batatas. (*Ao sair, cruza-se com o marido.*) Até que enfim! Que trazes na mão?

JOÃO – É um coelho. (*Mostra-o.*) Efoladinho e tudo.

JOANA – Não ouvi tiro nenhum.

JOÃO – Caiu na armadilha. Apanhei outro. O cão esfandegou-o.

JOANA – As batatas já estão ao lume. Não tenho tempo de compor o coelho.

JOÃO – Também acho. Fica para a ceia. A Joaninha vai gostar.

*(Escuro. Luz. João e Joana à mesa, prestes a terminarem a refeição.)*

JOÃO – Tens toda a razão, mulher. A casa ardida não se vende até apurarmos o que se passou.

JOANA – E se não apurarmos?

JOÃO – Basta que o Reizinho se zangue com o feitor ou então que eu ou alguém por mim apanhe este gaijo com a borracheira. Vamos aguardar uns meses.

*(Joana levanta-se da mesa. Escuro. Sob um foco de luz, Joana está sozinha à mesa, a pontear uma peça de roupa. A mesa encontra-se agora no centro da cena. A luz é intensa e passa gradualmente a vermelha.)*

JOANA – Cheira-me a queimado. É ele que anda a fazer alguma fogueira no quintal.

*(Pausa.)* Lá estará a queimar o monte de ervas que eu há dias arranquei do meio das favas. Mais ervas do que favas. O tempo vai seco, meu querido João. *(Pausa. Fumo junto de Joana que, ao vê-lo, se levanta.)* Credo, credo! Que é isto?

VOZES OFF – Fogo! Fogo! Acudam.

JOÃO *(que entra apressadamente)* – Vamos, mulher. *(Toma-lhe um braço.)*

JOANA – Que foi? Que é? Então não és tu que... Não estavas no quintal?

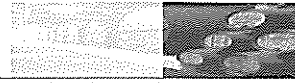
JOÃO – Não. Vamos. Depressa. A casa está a arder.

JOANA – Onde estavas? Diz.

JOÃO – No café a beber um copo. Vamos. *(Ela chora. Saem. Escuro. Luz. A cena é outra vez a da caverna, com a mesa de comer à esquerda.)*

JOANA – Ainda tremo ao lembrar-me *(Pausa.)* Seria mesmo o feitor, o capanga, que pegou o fogo? *(Levanta-se e vai até à direita baixa, em passos lentos.)*





JOÃO – Alguém o terá visto.

JOANA – Mas quem?

JOÃO – Se eu soubesse...

JOANA – Mas tens esperança de saber...

JOÃO – Tenho. Enquanto há vida há esperança.

JOANA – O pior é chegar aonde se quer. Neste mundo só chegam alguns.

JOÃO – Isso sei-o eu.

JOANA – Então...

JOÃO – Mulher, eu quero ser um dos que chegam.

JOANA – Como?

JOÃO – Oh mulher, nunca ouviste dizer que há muitas maneiras de levar a água ao moinho?

JOANA – Quero que saibas que eu estou sempre contigo, dê lá por onde der.

JOÃO (*abraçando-a*) – Eu sei, mulher, eu sei. Ou pensas que não reparo? Se não fosses tu e a filha...

JOANA – O quê?

JOÃO – Era capaz de ter feito algum disparate. (*Pausa.*) O Reizinho não me largava para lhe vender casa e quintalório. Por tuta e meia.

JOANA – Até me falou a mim.

JOÃO – E à Joaninha, imagina! Que desfaçatez!

JOANA – Meteu na tola que havias de alargar o armazém dos vinhos para instalar uma linha de montagem.

JOÃO – Do que precisava não sei, que isso não é comigo (*Levanta-se, anda um pouco, pára e volta à mesa.*)

JOANA – E se te oferecesse mais dinheiro? Digamos: o dobro, o triplo. Vendias?

JOÃO – Não digas isso, minha querida Joana. Iria lá eu fechar negócio, sem te falar a ti e à filha!

JOANA (*comovida*) – Eu sei, homem, eu sei.

JOÃO – Agora que estamos aqui...

JOANA – Acredita, já comecei a gostar.

JOÃO – Há pessoas, tenho cá para mim, que não se davam numa caverna. E eu bem sei por quê.

JOANA (*a gostar francamente da conversa*) – Por quê então?

(*A Personagem aparece à entrada da gruta, sorri, levanta e abre braços como quem pede inspiração a uma força que lhe é superior. Reentra.*)

JOÃO – Uma coisa é ter o caminho aberto... para onde se vai; outra...é tê-lo fechado do lado donde se vem.

JOANA – Deixa ver se eu percebi. Hoje estás...estás a ficar...mais lesto.

JOÃO – Queres dizer que foi dos vergões?

JOANA – Se calhar... Anda para aí um sinal.

JOÃO – Talvez. Ou não será que a nossa filha chega hoje e nós ficamos nervosos – mortinhos, mortinhos por que ela chegue?

JOANA (*erguendo-se, com um dedo levado à testa*) – Mas deixa ver se eu percebo aquela que disseste do caminho aberto e do caminho fechado.

JOÃO – Disse assim uma coisa tão importante? Eu que não passo dum bacoco... Tu é que és a abelha-mestra da casa. Fina, muito fina. Agora eu. Que só sei cavar e podar...

JOANA (*matutando*) – Quanto ao caminho fechado do lado donde se vem...parece que percebo.

JOÃO – Então diz lá. Parece que estamos aqui a fazer um jogo.

JOANA – Que jogo?

JOÃO – Por exemplo, o jogo do rou-rou.

JOANA (*cantarolando a lengalenga*) – Rou-rou, rou-rou, pita choca, já lá vou. (*Imita o jogo. Levanta-se, afasta-se um pouco e põe as mãos nos olhos, repetindo a lengalenga. Aproxima-se do marido.*) Quanto ao caminho fechado donde se vem...(*Põe-lhe um dedo num lado da cabeça.*) Está aqui. O caminho fechado é o da casa ardida.

JOÃO – Acertaste. Fechado, mas fechado para já. Pega lá um beijinho por acertares. (*Executa.*)

JOANA – Quanto ao caminho aberto para a frente... já sei: é esta caverna. À frente está o nosso prediozinho. Acertei?

JOÃO – Isso agora...É conforme se entender.

JOANA – Entender o quê?

JOÃO – À frente da caverna o que se abre é uma gruta.

JOANA – Mas ela está fechada.

JOÃO – Isso agora....

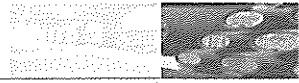
JOANA – O tempo do «abre-te, sésamo» já passou. Tínhamos de contratar o Ali Babá ou então uma rata sábia.

JOÃO – Cá na minha o que pode estar a tapar a gruta é um grande pedregulho. Ouvi dizer, não sei já a quem foi, que no lado de lá do rio ou no de cá há uma gruta que vai dar á corrente.

JOANA – Se assim fosse, a embocadura lá do fundo já se tinha visto.

JOÃO (*sorrindo*) – A menos que as águas do rio crescessem.

JOANA – Gosto de ti, João, porque és um sonhador. Então hoje...



JOÃO (*rindo-se*) – Foi dos vergões. (*Vai à porta da esquerda e respira fundo.*)  
Temos de ir fazer qualquer coisa. Queres vir?  
JOANA – Nem é tarde nem é cedo. (*Saem., depois de Joana apagar o candeeiro.*)

### III

VOZ DE JOÃO – Que o trás por cá, senhor Gaspar?  
VOZ DE JOANA – Então, boa tarde, Senhor Gaspar? Estou a ver: trouxe o jipe da quinta.  
VOZ DE GASPAS – Ando na distribuição ao domicílio. Posso entrar?  
JOANA (*já à entrada.*) – Faça favor. (*Acende o candeeiro e os castiçais, enquanto entram João e Gaspar.*) Mas que grande honra é receber no nosso refúgio o capataz da quinta, da quinta do Senhor Smith.  
GASPAS (*Abre uma caixa de papelão e começa a tirar garrafas que põe em cima da mesa.*) – Esta mesa abana muito. É segura?  
JOÃO – Eu ponho no chão. (*Põe seis garrafas.*)  
JOANA (*lendo o rótulo de uma*) – Quinta Smith, Porto, 10 anos.  
GASPAS – É uma oferta do filho do senhor Smith que hoje faz anos. Quis presentear os seus trabalhadores desta freguesia, homens e mulheres, por igual. Três garrafas para cada um, sem distinção de sexos como manda a democracia, disse ele.  
JOANA – Então muito obrigado.  
JOÃO – Obrigado, senhor Gaspar, pelo incómodo.  
GASPAS – Não é incómodo nenhum. Só trouxe a encomenda para a Fraga das Dunas. As outras levaram-nas os próprios.  
JOÃO – Eu e a minha hoje não podemos ir trabalhar porque...  
GASPAS – Já se sabe: o patrão disse-me. (*Passeando pelo aposento.*) Pois então é aqui a Fraga das Dunas! (*Continua a passear e a ver.*)  
JOÃO – Fraga, sim. Agora dunas...As dunas ficam à beira-mar. Haverá outras dunas...(*Joana belisca o marido, ele olha e ela faz-lhe sinal de que se cale, pondo o dedo indicador em cruz nos lábios semi-abertos.*)  
JOANA – Mas que honra! O senhor Gaspar quer tomar alguma coisa? Uma lasquinha de bacalhau? Um copo do nosso vinho?  
GASPAS – Nada, nada. Já que estou aqui, posso dar uma vista de olhos? (*Aproxima-se da gruta.*)  
JOANA (*depois de João olhar para ela que franze a testa em sinal de qualquer desconfiança*) – Pode. Então por que não havia de poder? É uma honra..

JOÃO – Infelizmente tem pouco que ver. A vida é assim. *(Pega no candeeiro e entra na gruta com Gaspar.)*

VOZ DE GASPAR – Afinal a gruta não vai longe. *(Saem.)*

JOANA *(apontando o cubículo de Joanelha)* – Ali estão as coisas da minha filha.

GASPAR – Se estão, é um lugar sagrado. Bom, meus amigos, tenho de ir. Até segunda-feira. *(Cumprimenta-os e sai.)*

JOÃO *(acompanhando-o)* – Eu vou consigo até ao jipe.

*(Entra a Personagem, da gruta.. Dança e canta:)*

Uns caldinhos de galinha  
não fazem mal a ninguém,  
mas cautela, cautelinha,  
essa, sim, é que faz bem.

*(A Personagem, depois de se rir (hi, hi, hi), sai para o exterioror.)*

JOÃO *(Entra.)* – O jipe da quinta teve um furo. Vou levar uma toalha e um balde de água.

JOANA – Olhem que esta! Como aconteceu?

JOÃO *(trazendo uma toalha do aposento da filha)* – Acontece.

JOANA – Queres que eu também vá?

JOÃO – Para quê? *(Sai.)*

JOANA *(Senta-se e canta «uns caldinhos de galinha, etc. Levanta-se. Vai arrumar as garrafas na gruta, depois de deixar uma em cima da mesa. Ao som de música, varre o chão e limpa objectos e paredes.)* – Estão a demorar. Não é só o furo. O motor deve ter avariado. Foi, foi, como cavacas. *(Canta «uns caldinhos de galinha ...»)*

#### IV

*(Joana ao meio, voltada para o fundo. Projecção da sua sombra.)*

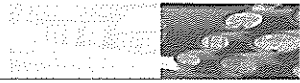
JOANA – Lá estás tu a querer dizer-me não sei o quê. *(A Personagem entra de fora e, de costas voltadas, encosta-se a Joana, abrindo ambas os braços.)*

PERSONAGEM – Hi, hi, hi. Hi, hi, hi

JOANA – É só isso que tens para me dizer?

PERSONAGEM – É, Joana. Vê se percebes.

*(Ao som de «Tocata com Fuga em ré menor», de J.S. Bach,, a Personagem vai-se descolando de Joana até, imersa numa nuvem de fumo, desaparecer na gruta. Fim de música e de projecção. Joana senta-se à mesa e deita vinho num cálice, quando entra o marido.)*



JOÃO – O jipe avariou e o Gaspar teve de chamar um táxi pelo telemóvel.

JOANA (*sorridente*) – Já foi?

JOÃO – Já. Queres saber uma coisa? Quando entrou no táxi, macacos me mordam se não parecia mesmo a cara do patrão.

JOANA – Hi, hi, hi. (*Enche outro cálice e oferece-o ao marido.*)

JOÃO – Ai tu ris-te?

JOANA – Ao tempo que eu tinha dado conta! (*Bebem lentamente. A mesma paisagem duriense e a mesma música de Bach, durante cerca de quinze segundos.*)

Queres sair, fazer alguma coisa? Apetece-te? (*Enche mais dois cálices.*)

JOÃO – A bem dizer...(*Bebe lentamente outro cálice. Joana fecha a garrafa e bebe também. Pausa.*) O tempo aqui passa devagar.

JOANA – O tempo aqui passa devagar. Quase se vê nas paredes.

JOÃO – A luzir. Parecem pirlampos.

JOANA – Parecem pirlampos. Ou serão os nossos olhos?

JOÃO – São os teus olhos.

JOANA – O Smith quer-nos larpar a Fraga das Dunas.

JOÃO – É por causa do turismo. Diz-se que a inglesa anda por aí a farejar.

JOANA – E também saberá da lenda...

JOÃO – Deixá-lo saber. A caverna não está à venda. (*Pausa.*) É tal e qual o Reizinho. (*Fala para o vago.*) Querias? (*Faz o manguito.*) Toma.

JOANA – Isto anda tudo ligado. (*Desabafa.*) Estou a lembrar-me duma coisa: o Reizinho não queria a nossa casa e o quintalório para fazer uma entrada para os camiões?

JOÃO – Talvez.

JOANA – Como os camiões a pararem na rua pública não lhe dão grande jeito...

JOÃO – Sim, pois, até estorvam o trânsito.

JOANA – Ninguém me tira da cabeça que ele quer aquilo para entradas e saídas, estacionamento e outras coisas mais. Punha-lhe um portão grande e pronto.

JOÃO – Daqui não leva nada até se apurar o incêndio.

JOANA – De acordo. De acordo. Cantê isso... (*Pausa. João passeia no aposento e apaga a vela da gruta. Apaga também a do esconderijo de Joaninha, mas volta a acendê-la.*)

JOÃO – Estamos fritos.

JOANA – Não digas isso.

JOÃO – Amanhã vamos trabalhar. Será que o senhor Smith vai mesmo emprestar-nos a perfuradora para abrir a janela de que falaste? (*Vai para perto da entrada – canto da esquerda, ao fundo.*) Olha que, verdade, verdadinha, uma abertura

ali ficava a matar. Entrava mais luz e isto ia ser mesmo bem arejado. *(Vai para o meio da cena.)*

JOANA – Pois ia...

JOÃO – Há-de ir.

*(Riso off da Personagem – hi, hi, hi. Só Joana reage. Levanta-se do mocho. Inunda-a um foco de luz. Entretanto João fica de estátua, completamente parado, de costas para o público. Joana dirige-se à gruta, entra e regressa indumentada de Personagem, notando-se bem que ela é mesmo Joana. A sombra de João aparece no telão (sombra chinesa). O que se vê é uma espécie de homem revestido de peças de latão, movimentando-se para um e outro lado, ouvindo-se um matraquear provocado pelo bater das peças (sonoplastia). Ao tempo em que o homem-máquina surge, João refugia-se lentamente na gruta. Para representar o homem-máquina o encenador pode recorrer à actriz que faz o papel de Personagem. No decorrer deste quadro, música de Bach em surdina.)*

JOANA/PERSONAGEM *(à direita alta)* – Minhas senhoras e meus senhores, reparem bem. Aquele é o homem-máquina, nada mais, nada menos do que a sombra de João projectada no fundo da caverna. Ele, mais do que ele, é a sua sombra, como outros, como outros *(gritando,)* muitos outros. *(O homem-máquina atravessa o telão e vai ocupar no meio da cena o lugar dantes ocupado por João, mas voltado para o público. Foco de luz sobre João que desaparece lentamente. Pausa.)*

VOZ OFF – Eu sou a tua sombra. Entrei dentro de ti e agora sou mais real do que tu...Tu não passas duma aparência. Tu, máquina, maquineta, brinquedo accionado por uma manivela.

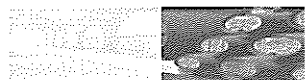
JOANA/PERSONAGEM – Como outros, muitos outros. *(Repete, esmorecendo gradualmente a voz.)*

*(João estremece, arregala os olhos, gesticula e move-se para a direita e para a esquerda, inquietamente. O Homem-Máquina recua até ao telão sem o ultrapassar. João fica imobilizado, sem expressão. E Joana/Personagem, sorrindo, entra lentamente na gruta, depois de apagar todas as luzes. Regressa, despojada das vestes de Personagem, acendendo a vela, à entrada da gruta. O Homem-Máquina esconde-se atrás do telão. Joana acende também a vela do recanto de Joaninha, vai para a mesa, liga o candeeiro e senta-se.)*

JOANA *(para João)* – João, acorda. Que estás praí a remoer?

JOÃO – Muita coisa e coisa nenhuma.

JOANA – Anda para ao pé de mim. *(Ele aproxima-se.)* Sabes? Foi uma grande sorte para nós a minha irmã gostar tanto da Joaninha. Não vive com grandes poses, mas a Joaninha sente-se bem em casa dela.



JOÃO – A tua mana é uma santa. Se não fosse ela, como havíamos de fazer? Onde é que arranjavamos dinheiro para lhe pagarmos a pensão? Bem bastam os livros.

JOANA – Também não estamos assim tão mal. Não andamos a pedir pelas portas. Como trabalhamos – olha se não trabalhássemos!, – lá se vai tenteando o barco.

JOÃO – Ainda por cima a casinha onde mora a tua irmã fica perto da esola.

JOANA – Pois, trabalha na escola como empregada e ainda por cima faz trabalhos por fora. Eu e a minha irmã sempre nos demos muito bem. Como está solteira...Olha, quer à Joaquina como filha. Que também é ou não fosse a madrinha.

JOÃO – E se lhe dá para casar?

JOANA – Bem gostaria, desde que fosse com um homem sério como...

JOÃO – Como quem?

JOANA – Ora, por que não hei-de dizê-lo? Como tu.

JOÃO – Tu também és uma mulher às direitas. Mas diz-me cá uma coisa: os sérios não são todos pobres?

JOANA – Anda por aí muito lampantim. Aquele que andava atrás da minha irmã era muito gossista, apenas isso. Ela topou o jogo e pô-lo com dono.

JOÃO – Na vila tem de se comprar tudo.

JOANA – Lá lhe vamos levando o que podemos. Ou antes, leva a Joaquina.

JOÃO – Que é isso de umas cebolas, umas batatas, alguma fruta e, de quando em quando, uma peça de caça? Devia aceitar pelo menos algum dinheiro.

JOANA – Pois devia, mas ela bem sabe o que nos aconteceu.

JOÃO (*Abre uma gaveta e mete um figo seco à boca.*) – Não há mal que sempre dure nem fome que não se ature. Vou fazer qualquer coisa lá fora. (*Entra na gruta e traz um sacho e uma tesoura de poda.*) Tu deixa-te estar aqui, com a porta de fora aberta, por mor de entrar um arzinho. Não sei se já tens a roupa da menina preparada e passada. Isso é contigo. (*Joana sorri e ele sai. À mesa, com agulha e dedal, ela ponteia uma peça de roupa.*)

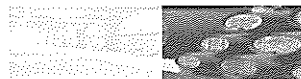
VOZ DE JOANA (*em sonoplastia:*)

Naquela noite de incêndio... Nem me quero lembrar. Mas a memória, esta gal-draia, rói, fura, rói – parece uma ratoqueira. Labaredas..., fumo... Juntou-se o povo, vieram os bombeiros... Mas pouco se salvou. Vá lá, salvou-se a arca da roupa onde também tínhamos as nossas economias. Encostada a um canto, lá estava inteirinha – parecia um milagre. Do resto pouco se aproveitou: uma parte do trem da cozinha e algumas ferramentas. Grande parte do telhado desabou. Nem me quero lembrar. Foi um badanau toda a noite. Espreita aqui, levanta ali, vê acolá. E a minha mãe, coitada, sempre a confortar-nos: vão-se

os anéis, fiquem os dedos. Sabe Deus o que lhe ia lá dentro! Vinde para nossa casa, dizia ela, mas também a vi chorar como eu.

JOANA (*Deixa de pontear e levanta-se.*) – O João, esse é que não: lá ia praguejando, uma vez por outra, mas sempre firme, mão de ferro, com uma lanterna ..., entre fumo e pingar de água ..., a espiolhar aquilo tudo. Ainda bem que a Joaninha e a minha irmã não souberam; só no dia seguinte, pelo telefone. Também lhes custou muito. (*Abre os braços e avança um pouco, mimando abraçar a filha.*) Oh minha filha, minha filha! A Joaninha abraçada a nós. E agora? E agora? (*Pausa.*) E agora... Que noite, santo Deus! A minha mãe bem insistia para que fôssemos para sua casa, ficássemos lá uns dias até que se fizesse uma reparação. O João não aceitou, agradeceu muito, mas decidiu outra coisa com que eu concordei: limpar esta caverna, dar-lhe um arranjo e vir morar para aqui até ver. (*Pausa.*) Nem me quero lembrar daquela noite! (*Vai mimando o que diz.*) Ó mãe, vá para casa com o pai que anda derreado do reumatismo, encostado à bengala e mal se aguenta de pé! Olhe, vizinha, sabe-se lá como é que isto se deu! Curto-circuito? Sei lá! Algum malfeitor? Sei lá! João, João, espera aí, que eu vou ajudar-te (*Gesto de quem ajuda a desviar um estorvo.*) Pronto, toma cautela. Agradecemos a toda a gente que nos quer ajudar, mas já não é preciso. Ora, não tinhas de te preocupar, ó comadre: obrigado pela oferta. Vão todos descansar, dormir. Até amanhã. João, João, por favor, tens de compreender a minha mãe, quando diz que a lapa é morada de bichos. Sim, sim, é verdade, já lá dormimos algumas vezes. Boa noite, mãe. Vá, vá com o pai que está a ficar exausto. Boa noite, pai. João, por favor, compreende a minha mãe. Bem sei, bem sei que gostas dela. Pois, isso é verdade: pernoitámos algumas vezes na caverna, antes de nascer a Joaninha. (*Até final deste monólogo podem continuar a abrir-se pausas expressivas.*) E também é verdade – como havia de me esquecer?, – que a Joaninha foi gerada aí. Que noite linda, meu amor, que noite linda! O tecto da caverna estava cheio de estrelas. Pois, foi isso. No dia seguinte pusemos lá uma cancela e na cancela uma grinalda de estevas em flor. Mas, não te esqueças, houve uma ocasião em que uma cobra nos saltou lá dentro: tivemos de a matar. Parecia que bufava lume. E aquele gato bravo ou lá o que era que, antes de fugir, se pôs a olhar para nós, todo raivoso? (*Senta-se.*) A vida não tem sido fácil: mãos calejadas e calos na alma também. Mas há quem esteja pior. Ora! Mal de muitos conforto é. Além disso, temos uma filha que nos tem dado muitas alegrias, as quais postas na balança pesam mais do que os nossos contratempos. Temos de ter paciência, João, e tu, é verdade, tens tido paciência às carradas, embora sempre atento ao que se passa à volta.





Tenho aprendido muito contigo. Até me parece, quando vou ao espelho, que estamos a ficar mais parecidos um com o outro. *(Apura o ouvido.)* Oh!, parece que estou a ouvir o rio ali na gruta. *(Levanta-se.)* Como se estivesse a subir e me quisesse dizer qualquer coisa. E agora estou a ver um barquinho à minha frente, de vela içada, em forma de pétala, e duas garças a voarem à flor da água. Parece. Parece. Que ilusão a minha! Ou será mesmo verdade? O que parece já é: é pelo menos enquanto parece. Por isso o rio está a entrar nesta caverna. E o barquinho nos olhos da minha filha e duas garças namoradas à flor da água.

## V

*(Ouve-se cantar fora uma cantiga popular:)*

Oh Rosinha, oh Rosinha do meio,  
vem comigo malhar o centeio.  
O centeio, o centeio, a cevada,  
oh Rosinha, minha namorada.

JOANA – Bonito. Alguma malhada aqui perto. Ou imaginação minha por agora ser o tempo das malhadas? Hoje vêem-se cada vez menos centeais, que as vinhas vão-se alambazando com o que há de terra. Que saudades eu tenho do meu tempo de menina! Também cantava e dançava nas eiras...

*(Propõe-se uma actuação folclórica de acordo com o que se regista a seguir. Não sendo possível um rancho, actuarão dois elementos, João e Joana. No primeiro caso, Joana continuaria sentada. Num caso e noutro a actuação é na caverna.)*

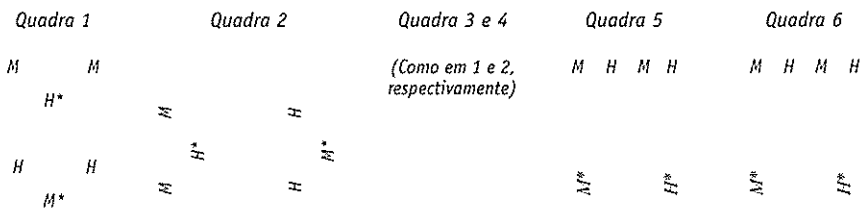
### ROSINHA DO MEIO

- 1 – Oh Rosinha, oh Rosinha do meio,  
vem comigo malhar o centeio.  
O centeio, o centeio, a cevada,  
oh Rosinha, minha namorada.
  
- 2 - Se eu sou, se eu sou namorada,  
não me queiras assim ocupada.  
O trabalho do campo é contigo,  
o trabalho de casa é comigo.

- 3 – Oh Rosinha, oh Rosinha do meio,  
vem comigo malhar o centeio.  
O centeio, o centeio, a cevada,  
oh Rosinha, minha namorada.
4. – Se eu fosse contigo malhar,  
diz-me quem te fazia o jantar.  
O trabalho do campo é contigo,  
o trabalho de casa é comigo.
- 5 – Fica então entre nós decidido  
que o trabalho vai ser repartido.  
– Boas falas, amor, boas falas.  
É preciso agora aplicá-las.
- 6 – Oh Rosinha, oh Rosinha do meio,  
mas que bem que me sabe o centeio!  
– Tu na eira a malhar com prazer,  
eu em casa a fazer de comer.

NOTAS

1. Um homem (H\*) com mangual e uma mulher (M\*) com tacho de cozinha sobraçado. Os outros trajados conforme o seu uso.
2. Nas quadras, de 1 a 4, os dois primeiros versos são a solo; os outros dois pelo coro. Em 5 e 6 os dois primeiros versos, tal como os restantes, são primeiro a solo e, a seguir, repetidos pelo coro.
3. Coreografia:



## Oh Rosinha do Meio

Oh Ro-si-nha, oh Ro-si-nha do Meio, vem co-

mi-go ma-lhar o cen-tei-o. O cen-tei-o, o cen-

tei-o a ce-va-da, Oh Ro-si-nha, mi-nha na-mo-

ra-da cen-tei-o, cen-tei-o a ce-va-da, Oh Ro-si-nha, mi-

nha na-mo-ra-da.

JOANA (continuando sentada à mesa a pontear) – Cantava e dançava nas eiras ...

(A Personagem aparece no telão.)

PERSONAGEM – Tens até à chegada da tua filha. É esse o tempo, não te esqueças.

O tempo azul está aqui, só aqui, nesta morada. O tempo das cavernas...O tempo dos bichos e dos druídas, guerreiros e foragidos. De todos os que aqui se apaixonaram...Aproveita-o, se quiseres. Escuta-o primeiro e depois lê-o. Escolhe o que gostarias de fazer aqui. Só aqui. Tens até à chegada da tua filha e ela já partiu de casa da tua irmã. Não tarda.

(Foco de luz sobre Joana que se dirige imediatamente à gruta e regressa como Joana/Personagem. Trás um martelinho. Olha para o sítio onde tinha combinado

com o marido abrir a janela e com um gesto desenha um quadrado. Ouve-se uma espécie de ribombo. Põe ali um mocho, sobe e começa a martelar, soando a parede a oco. Encosta-lhe o ouvido e desce. Repõe o martelinho na gruta e volta para a mesa. A Personagem abandona o telão.)

VOZ DA PERSONAGEM – Não te lembrarás mais deste momento, a não ser do lugar da janela.

## VI

JOANINHA (*Primeiro em voz off e, depois, entrando*) – Mamã, mamã. (*Põe a mochila no chão e abraça-se a Joana que se levanta e dá-lhe um beijo. João aparece à entrada.*) Então que estás aqui a fazer, em vez de estares lá fora a uma sombrinha?

JOANA – Deixa-me olhar para ti. Estás linda, minha filha, e até me parece que tens crescido.

JOÃO – Em oito dias havia de crescer muito!

JOANA – Ora põe-te ao meu lado. (*Joaninha obedece, mas baixa-se um pouco.*) Assim não vale: endireita-te. Ah, assim, sim. É o que eu digo: estás mais alta do que eu.

JOANINHA – A tia manda beijinhos para os dois. Vai ver se pode cá vir no próximo fim de semana.

JOANA – Mas aqui onde vai dormir?

JOANINHA – Podia dormir em casa dos avós, mas ela disse-me que queria dormir na caverninha. Lá se há-de arranjar.

JOÃO – Nada disso. Ela dorme aqui e eu durmo lá fora. Com o calor que vai até sabe bem.

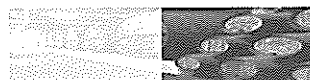
JOANINHA – Lá fora?!

JOÃO – Pois. Faço aqui uma tenda, ao lado, debaixo da ramada. Bastam dois toldes.

JOANA – Um dia não são dias. A minha irmã dorme comigo, mas tu (*para João,*) bem podes armar a tenda num canto da lapinha.

JOÃO – Estás cegueta de todo, mulher. Não vês que para esse lado fica o casinholo das necessidades?

JOANINHA – Pronto, pronto. Acho bem o que o pai diz. E quereis vós os dois saber uma coisa? Quatro colegas minhas perguntaram-me se podiam vir daqui a vinte dias acampar junto de... tão pitoresca vivenda – palavras textuais Trazem comes-e-bebes e tudo o que é preciso.



JOANA E JOÃO *(ao mesmo tempo)* – E por que não?

JOANINHA *(em tom brincalhão)* – Até vem a filha do sr. comandante de posto da GNR.

JOÃO – Diz -lhe que não traga nenhuma pistola, pois aqui não é preciso. *(Riem-se todos.)*

JOANINHA – E se fôssemos os três à figueira apanhar uns figos lampos? Já estão maduros?

JOANA – Alguns,

JOÃO – Alguns, não: bastantes. Estão à tua espera

JOANINHA – Vamos então. *(Faz menção de sair.)*

JOANA – Esperai só um bocadinho. Estou ansiosa para vos dizer uma coisa. Ao fazer uma costurinha, há um bocado, pus-me a susminar numa coisa...

JOANINHA – Que coisa? *(Joana hesita em falar.)*

JOÃO – Desembucha, querida.

JOANINHA – Querida! Sim, senhor. Gosto disso, papá.

JOANA *(aproximando-se do ponto onde assentara abrir a janela com o marido)* – Aqui. *(Aponta.)* Que grossura terá a fraga neste lugar? Fui buscar um mocho. *(Vai buscá-lo.)* Depois, fui buscar um martelo. *(Entra na gruta e sai com ele, sobe para o mocho.)* E bati nesta zona. *(Bate em vários pontos.)* Agora ouvi bem. Aproximai-vos. *(Eles obedecem.)* Onde é que soa a oco?

JOÃO – Estou a ver que descobriste a pólvora.

JOANINHA – Bata, mãe, bata com força. Quer que ajude?

*(Joana bate e começam a cair fragmentos de terracota.)*

JOÃO *(arregalando os olhos)* – Espera aí. *(Vai buscar um sacho e dá-o à mulher.)* Não batas mais. Mete aí o cabo do sacho. Vamos ver até que ponto é engolido. Anda, mete. *(Ela executa e o cabo fica dentro até cerca de um terço.)* Agora espera aí. Eu vou lá fora e, quando eu disser «bate», tu bates com força. *(Sai.)*

VOZ DE JOÃO – Bate, bate.

JOANINHA – Bata, mãe, bata mais. *(Ouve-se como fundo musical, baixinho, a Tocata de Bach.)*

JOÃO *(entrando)* – Está visto, aí há um buracão. *(Para Joana)* – Desce, que agora é a mim que me compete. *(A mulher desce e ele sobe, batendo num dos lados com um martelo maior e de pico que entretanto fora buscar.)*

JOANINHA –Alguna coisa há-de estar lá dentro. Que rica ideia tiveste, mamã! Estou ansiosa. Que estará lá?

JOANA – Não sei. Aquele vão é como o dentro de nós. Nem nós sabemos o que está lá.

JOÃO – Donde vem o rio e para onde vai?

JOANA – Quando pusermos um vidro na janela..., um vidro inquebrável...

JOANINHA – ... eu vou lá pôr a pedrinha. É aí a sua morada.

JOÃO – Se o rio passa nas cidades...*(No telão paisagem duriense com rio.)*

JOANA ...é porque tem uma cidade dentro de si.

JOANINHA – O rio é uma cidade. *(Vai à mochila, tira um livro, abre-o e lê:)*

Primeiro vejo-o descer como um sinal  
distante. Depois, o cravo da luz  
transborda. Regressa finalmente ao corpo  
e segue com ele.

A tarde na vidraça da quinta  
como vou eu sentá-la à mesa das cidades?

O rio Douro nasce na Serra de Urbion  
em Espanha, ao pé de uma erva,  
e vai desaguando na erva seca de muitos olhos  
que calculam a sua própria distância  
em vinho.

JOANA – O jipe ainda estará a apodrecer no estradão?

JOÃO – O jipe continua no estradão.

JOANINHA – Hoje vim mais cedo porque apanhei boleia. Se o carro quisesse vir aqui,  
o jipe não o deixava passar.

JOÃO – A Fraga das Dunas é nossa e não está à venda. *(Deixa de se ver a paisagem duriense. Cão a ladrar.)*

JOANA – Vieram buscar o jipe.

*(Batem à porta. Ninguém responde. Pausa. Música. Entra a Personagem.)*

PERSONAGEM – Hi, hi, hi. *(Dança. Aproxima-se da janela.)* Podia lá ser esta janela  
fechada! Mas...se o patrão quiser mesmo comprar a Fraga, consegue-o. Quem  
somos nós? *(Sai. Joana vai à porta e regressa com uma carta na mão.)*

JOÃO – Não abras a carta, mulher. Nem tu, Joaninha. *(Joana põe a carta na mesa.)*

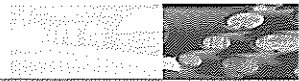
JOÃO, JOANA E JOANINHA *(em coro)* – Não estamos à venda.

*(Jorro de luz muito azul na janela. Música.)*

JOÃO – Gasparices do Gaspar.

JOANA – Que até nem é má pessoa. Trouxe-nos o vinho fino.

JOÃO – Pudera! Deram-lho.



JOANA – Será um bocado mandão. Mandam-no... Afora isso..

JOÃO – Veio aqui para espiolhar.

JOANINHA – Pai, mãe, vou apanhar uma cestinha de figos e uma roca de cerejas.

JOANA – E eu vou contigo.

JOANINHA – Não, mãe, eu vou sozinha. Deixa-te estar ao pé do pai. *(Vai à gruta buscar uma pequena cesta e uma canita.)* E, se me permitis, está na hora de eu dar um conselho, que é como quem diz: de eu meter a colherada: abri a carta e lede-a. Ou sim ou sopas. Vou-me à fruta e desculpai? Quem sou eu? O meu pai e a minha mãe é que têm de resolver o problema. *(Faz menção de sair e sorri.)* Se o houver... *(Sai.)*

## VII

JOANA – Se o houver...Percebeste a nossa filha, João?

JOÃO – Não sei se percebi bem.

JOANA – Minha querida Joaninha, como ela está a ficar arguta!

JOÃO – Queres tu dizer que por ela podemos decidir por um lado ou por outro? Não será perder pau e bola? Ao menos fiquemos com a bola.

JOANA *(pensativa)* – Pois é. Mas sem pau também não conseguimos conduzir a bola para onde queremos. Ora pensa.

JOÃO – Pois vou pensar. Mas, antes disso...*(Olha para a carta.)*

JOANA – Antes disso o quê, meu querido?

JOÃO – Antes de abrir esta carta e ver o que ela diz, não te parece que temos o problema da casa ardida para resolver?

JOANA – Sim, isso é verdade. *(Pausa.)* Mas tu bem sabes que o Reizinho te quer comprar o que resta da casa. Estou agora a lembrar-me de uma coisa. Olha lá. *(Põe-lhe um dedo no nariz.)* A nossa filha...Não sei se estou a pensar bem. A nossa filha dá-se com a filha do comandante da GNR. Com jeitinho... e sem gastar dinheiro que não temos, claro que não temos, até se podia arranjar alguém da polícia judiciária que metesse mão no caso.

JOÃO *(andando dum lado para o outro, parando, voltando a andar, estacando finalmente)* – A ideia não é desengraçada de todo. Até que não é. Mas eu...eu, o João Bicho, tenho de ser bicho fino. Bolas, é a mim que me compete descobrir. E vou descobrir, um raís me parta.

JOANA –Como?

JOÃO – Já estive mais longe. Um dia destes armo-lhes a estrangeirinha, com testemunhas e tudo.

JOANA – Mas como?

JOÃO – Deixa comigo. *(Deita dois cálices de Vinho do Porto, oferecendo um à mulher e, depois de lhe tocar com o seu, começa a beber, demoradamente. Entra a Personagem que com um gesto largo descreve um círculo sobre a sua cabeça, afastando-se depois, sorridente, para a entrada da gruta, entoando bem o riso: hi, hi, hi – hi, hi, hi.)* É a hora de abrir a carta. Abre-a, mulher. Lê.

*(No telão é projectada a sombra de João, caracterizado de homem-máquina.)*

JOANA *(Lê.)* – Ex.mo Senhor João Fernandes: sei que vive numa caverna, aliás pitoresca, e que tem muito gosto nisso, tal como a sua esposa e filha. Também sei que esse é um recurso, depois de lhe ter ardido a sua modesta mas bonita casa na aldeia. Por motivos turísticos, estou interessado em comprar-lhe a Fraga das Dunas e terreno anexo. Tudo tem o seu preço. Se chegarmos a acordo, reconstruo-lhe gratuitamente a casa ardida. E mais: o senhor João e esposa continuariam meus funcionários nas instalações turísticas, ficando a sua filha com um lugar honroso na secretaria, a qual passaria a chefiar, depois de terminar o curso que entender. De tudo se faria registo notarial. Como temos de acertar pormenores, no caso de estarem interessados, vou hoje com o senhor Gaspar entregar-lhe em mão esta carta e ter uma primeira abordagem sobre o assunto.

15 de Julho de 2006

Com os melhores cumprimentos.

F.R.Smith

PERSONAGEM – Hi, hi, hi – Hi, hi, hi. Por esta é que eu não esperava.

JOÃO – Que se te oferece dizer?

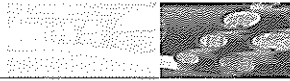
JOANA – Estou meia apalermada. Vamos ver no que isto dá.

JOÃO – Para já fico a supor que ele não está feito com o Reizinho, pois fala em reconstruir-nos a casa.

PERSONAGEM – A vida é feita de coisas muito simples, como a água a correr dentro da terra e a soltar-se numa fonte. Hi, hi, hi. O marantéu pincha no figo e depois faz o seu cocozinho pontual na tola do espantalho. Ri-te, pássaro bisnau. Olha para cima e ri-te do céu que de manhã é redondo e à noite, quadrado. E de tarde o que é? Esquinudo. Esquinudo, pois, esquinudo para as pessoas roçarem as costas. Basta chegar a uma esquina, zás, hi, hi, hi, apetece logo roçar as costas... Para acordar os macaquinhos interiores.

JOANA – A nossa filha não vai demorar muito. O cão foi com ela e parece que já estão a vir para cá. *(Pausa. Música. Paisagem duriense no telão.)*





JOÃO (*bebendo outro cálice de Porto*) – Estou a ficar baralhado. Vender, Joana? As coisas ainda não estão muito claras.

PERSONAGEM – Vender ou não vender. Aqui é que a porca torce mesmo o rabo. Hi, hi, hi. De manhã as cotovias levantam-se e é bonito vê-las arder assim, ao relinchar do cavalo. (*Retira-se.*)

JOANINHA (*Entra com cestinha de figos e roca de cerejas, sendo esta uma cana rachada ao alto em quatro e com os pés das cerejas entalados em até cerca de quinze centímetros.*) – Pai, mãe, aqui têm o brinde para festejar a resolução que certamente já tomaram. (*Entrega a roca à mãe e a cestinha ao pai.*)

JOANA – Ainda não resolvemos nada. Temos estado a pensar.

JOÃO – A carta é mesmo do senhor Smith, assinada por ele.

JOANA – Ele esteve aqui à porta.

JOANINHA – Se assim é, fizemos mal em não abrir.

JOANA – Pois fizemos. Lá isso fizemos. Ele tem-se mostrado nosso amigo.

JOÃO – Isso é verdade. Mas há males que vêm por bem. Assim, ficamos com mais tempo para pensar.

JOANA – Não terá ficado zangado por não abrirmos a porta?

JOANINHA (*dando-lhe um beijinho*) – Deixa-te disso, mamazinha. Lá julgou que fostes ao povo fazer umas compras.

JOÃO (*passando a carta à filha*) – Lê a carta e vê o que te parece. Também é contigo.

JOANINHA (*pegando na carta*) – Vou ler, mas antes quero dizer-te que uma moto-reta já passou duas vezes na estrada, lá em cima, e parou à entrada do caminho que vem para aqui. Parece que está lá. Algum emissário talvez.

JOÃO – Então, enquanto tu ficas a ler a carta, eu vou dar um salto à estrada. Está bem?

JOANINHA – O.K.

*(João sai. Foco de luz sobre Joaninha que começa a ler a carta. Entra a Personagem que, ao som da referida cantata de Bach em órgão, efectua passos de bailado e mimo adequado. Sai. Pausa. No telão, ao fundo, aparece em sombra chinesa uma bicicleta motorizada e um homem ao lado, de pé, dando a ideia de que está a fazer qualquer reparação no motor. Surge, pouco depois, João.)*

JOÃO – Então boa tarde, feitor Alexandre – feitor do homem mais rico da povoação.

ALEXANDRE – Em boa verdade já não sou e és tu a primeira pessoa a sabê-lo, depois da minha mulher.

JOÃO – Muito me contas. Então que há?

ALEXANDRE – Há que, hoje de manhã, pedi aumento de ordenado...

*(João e Alexandre passam para a frente do telão, ficando junto dele, mas deixando a bicicleta. Outro foco de luz avermelhada sobre eles.)*

ALEXANDRE – Pois. Pedi aumento de ordenado. Bem sabes..., estou a trabalhar para ele há uma boa porção de anos... É um unhas, um forreta.

JOÃO – Já percebi: disse-te que não. Mas isso a mim não me diz respeito. *(Mira-o bem.)* Alexandre, Alexandrinho, estás em maus lençóis, mas até sem os lençóis podes ficar.

ALEXANDRE – Eu?! Por quê? Não fui eu que peguei o fogo à tua casa. Juro-te por quanto há de mais sagrado.

JOÃO – O que corre por aí não é isso. Até parece que há quem te tenha visto.

ALEXANDRE – Invencionice. Atoarda lançada por alguém a quem convinha arranjar um bode expiatório. Não fui eu. Juro-te. Somos ambos trabalhadores com pouco de seu.. Damos cabo do canastro no campo. Eu não te fazia uma coisa dessas.

JOÃO – Então sabes quem foi. Sabes, sabes, de contrário não te ias atrever a vir para estes lados, sozinho. Tens por aí alguma pistola?

ALEXANDRE – Pistola? Eu? Podes apalpar-me os bolsos todos.

JOÃO *(depois de verificar)* – Parece que estás desarmado. Nesse caso, diz-me cá, olhos nos olhos: sabes ou desconfias quem foi que me incendiou a casa?

ALEXANDRE – Eu não fui. Ponto assente.

JOÃO – Então quem foi? Por tudo o que me disseste, só pode ser...

ALEXANDRE – Bem, aí...Precisamos de ter outra conversa. Aqui não. Já me estou a demorar muito e sei lá se está alguém alapado por aí a escutar-nos. Sei lá...*(Em tom mais baixo.)* O segredo é a alma do negócio. *(Diz-lhe qualquer coisa imperceptível ao ouvido.)* Pensa nisso. *(Saem. Voltam as sombras chinesas. Alexandre põe a motoreta a trabalhar e vai-se embora. João sai também.)*

VOZ OFF DA PERSONAGEM – Eu não lhes disse? O marantêu pincha no figo e depois faz o seu cocozinho pontual na tola do espantalho.

*(Luz normal na caverna, com a janela a irradiar um clarão esverdeado.)*

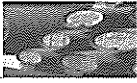
JOANA – Que te parece, Joaninha?

JOANINHA – A proposta é tentadora, lá isso é. Mas, se o pai está hesitante...Eu tenho lido e ouvido que há empresários estrangeiros interessados em fazer investimentos turísticos. Portugueses também. Gente com muita bagalhoça.

JOANA – Agora que o comércio do vinho, pelo menos do nosso, está a correr mal...

JOANINHA – Do nosso?

JOANA – Sim, do nosso, do Douro. É por isso que o sr. Smith está a espreitar o furo.



JOANINHA – Mas um empreendimento turístico aqui... Bom, o lugar é atraente. E eu que o diga. O que é preciso são pipas de massa.

JOANA – E nós não as temos, essa é que é a verdade.

VOR DA PERSONAGEM – Porra, porrinha!, piquei-me num cardo.

JOANINHA – O pai está a demorar.

JOANA – Não tarda aí. A motoreta já partiu.

JOANINHA – O pai afeiçoou-se muito à caverna. E nós também. Agora é como quem nos quer arrancar esse gosto. *(Vai para o seu cubículo e espreita da janela de cartão.)*

JOANA – Como quem arranca um penso numa ferida fresca. Às vezes dói que se farta.

*(Entra João.)*

JOANINHA *(à janela, lendo uma página de caderno)* – Eis o artigo que eu vou mandar para o jornal da minha escola. *(João diz qualquer coisa à mulher.)* Pai, está atento, por favor. Antes de dizeres o que tens para nos dizeres, ouvi uma história. A historinha chama-se A FRAGA DAS DUNAS e é pequenina. *(Lê:)*

Em tempos que já lá vão, aí pelo século VI a. C., refugiaram-se numa caverna duas princesas muito bonitas. Eram celtas e os pais tinham morrido na guerra que devastou o seu povo. Com elas vivia apenas a ama, já velhinha e doente, de sorte que eram as princesas a cuidar da ama e não a ama das princesas. Alimentavam-se de frutos que iam apanhando nas árvores do monte e também de ovos, favos de mel e pão de bolota de carvalho que sempre havia nas redondezas da sua morada. As meninas atribuíam essa abundância às virtudes da ama que todos os dias, ao nascer do sol, rezava, erguendo ao céu os olhos cheios de lágrimas. O tempo foi passando até que a velhinha sentiu aproximar-se-lhe a morte. Antes de morrer, essa boa mulher, que não era celta, mas nativa, conhecedora da vida, ofereceu às princesas um pequeno cristal, recomendando-lhes que o guardassem bem, pois era uma pedrinha sagrada. E as meninas viveram ali por muito e muito tempo. E os pastores mais os caçadores não se aproximavam por mor de os sacerdotes, que se chamavam druidas, terem a fraga e as cercanias como invioláveis. E o tempo continuou a passar. Que aconteceu às princesas? Ninguém sabe. O povo deu a este lugar o nome de Fraga das Dunas<sup>3</sup>.

*(João e Joana batem palmas.)*

---

3 A autora deste texto apurou que «dunum» significa lugar fortificado, segundo a fala dos celtas. Essa palavra vulgarizou-se depois, chegando a entrar em nomes de pessoas. De «dunum» o povo terá derivado duno e o feminino duna que aparece no topónimo Fraga das Dunas.

JOANA – Que história linda!

JOÃO – É mais ou menos o que anda na boca do povo.

JOANA – Lindo, lindo. Só a pedrinha de cristal...

JOANINHA – Oh mãe, vê se compreendes. Isso acrescentei agora ao que já tinha escrito.

JOÃO – E tem razão de ser.

JOANA – Muita razão de ser. O cristal é a pedrinha que descobrimos na janela. Vamos guardá-la. Se fizermos negócio com o sr. Smith...

JOÃO – É melhor não pôr o carro a frente dos bois. Já vamos falar disso. Mas antes tenho uma novidade de arromba para vos contar.

JOANINHA – Diz lá, pai. Quem era o da motoreta? *(Desce da janela e aproxima-se dos pais. Entretanto a Personagem surge no telão em grande plano.)*

PERSONAGEM – Cá estou novamente. Chegou o momento de vos dizer quem eu sou. Sou o espírito desta caverna e de uma pequena área à sua volta. Sou o que resta das encantadoras princesas e sua bondosa aia. Uma espécie de sombra iluminada para quem vem aqui. Não posso mudar a vontade das pessoas, o que elas querem fazer ou não, mas posso ler-lhes o pensamento e acender luzinhas dentro. Vamos ver o que o João vai dizer da conversa com o Alexandre. O João, homem desconfiado. Não lhes parece? Agora é ele que tem a faca e queijo na mão. Hi, hi, hi. *(Sai. Foco de luz sobre Joana.)*

JOANA *(para o público)* – Todos: hi, hi, hi. Outra vez: hi, hi, hi, – hi, hi, hi. *(Volta a luz normal.)*

JOANINHA – Então, pai? Quem era o da motoreta?

JOÃO – Foi uma surpresa de truz. Nem mais nem menos do que o Alexandre.

JOANA – O feitor do Reizinho? O que dizem que pegou o fogo à nossa casa? Nem digas. Credo!

JOÃO *(Muito calmo)* – Já não é feitor do Reizinho: zangaram-se esta manhã.

VOZ DA PERSONAGEM – Hi, hi, hi. Zangam-se as comadres, sabem-se as verdades.

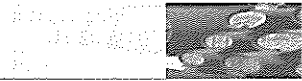
JOÃO – Que é que tu disseste?

JOANA – Eu não disse nada, mas estava a pensar: zangam-se as comadres, sabem-se as verdades.

JOÃO – Parece que foi isso mesmo. *(Breve silêncio.)*

JOANINHA – Conta, conta, papá.

JOÃO – O Alexandre pediu aumento de carcanhóis. *(Roça as pontas do polegar e do indicador.)* Mas o patrão não esteve pelos ajustes. Lá pediria de mais. Sei lá o que foi. Falei-lhe na casa ardida. Até me apetecia dar-lhe cabo do cangote. Mas baixou a bolinha, disse que não foi ele, jurou, etc. e tal, e fiquei mais ou



menos a saber que o criminoso foi o malandrim do Reizinho.

JOANA – Credo! Santo nome de Jesus!

JOANINHA – Eu já desconfiava.

JOANA – E agora que vamos fazer? É preciso muita cautela. Certa gente é capaz de tudo.

JOÃO – Não foste tu que há um bocado me falaste na judiciária ?

JOANA – Fui, pois fui.

JOÃO – Ele também falou. Falou-me baixinho ao ouvido. E trouxe mais umas pontas soltas: um balde com gasolina, que viu tudo, tem outra testemunha. Ah! E empregou também a palavra negócio. *(Pausa. Música. Jogo de luzes sobre João.)* O que parece é que o maroto do Alexandre se está a fazer para nos vender a acusação.

JOANA – Onde é que nós temos o dinheiro?

JOANINHA – Essa do balde com gasolina faz sentido. O patifório atirou a gasolina por baixo da porta da loja onde se guardava a lenha, chegou-lhe um fósforo, levou o balde para a adega e raspou-se, talvez disfarçado. No dia seguinte o tal Alexandre topou o balde, guardou-o para o que desse e viesse, e pôs outro no seu lugar, fingindo lavá-lo juntamente com outras coisas, à frente do patrão. Esse Alexandre, que até hoje esteve calado como um rato, deve ser também um homem maquiavélico.

JOANA – Gostei do teu raciocínio, filha. Até parece que estavas inspirada.

JOANINHA *(sorrindo)* – Foi um brilho que me chegou da pedrinha da janela.

JOANA – Sei lá! Não digo que não.

JOÃO – Cá para mim o melhor é ver as coisas de frente, quer dizer... ter os pés bem assentes na terra, como por aí se diz.

JOANA – Então diz lá. O que é que propões?

JOÃO – Primeiro, tratar do caso do incêndio, já que as coisas parece estarem a correr de feição. Ou não é assim?

JOANA – Continua.

JOÃO – Logo que eu ponha os pontos nos is com o Alexandre...

JOANA – E se ele quiser muito dinheiro? Onde o temos?

JOÃO – Ora, fica-se a dever. Não vai ser nenhuma fortuna. Logo se vê... E então o Reizinho não será obrigado a indemnizar-nos por perdas e danos? É que não falha!

JOANA – Bem sabes que isto de tribunais...Os ricos..., advogado para aqui, advogado para ali. Os ricos manobram tudo. Não seria melhor irmo-nos aproximando do sr. Smith, ver como param as modas?

JOANINHA – Posso meter o bedelho, pai?

JOÃO – Está visto. O caso é com nós os três. Ora bota lá, Joaninha.

JOANINHA – Cá na minha, o negócio com o sr. Smith... Bem, se tomarmos as devidas cautelas, não ficamos a perder. O que não devemos permitir é que este lugar fique desfigurado, estrangeirado, com um campo de golfe, por exemplo, em vez dos nossos jogos populares, sem respeito nenhum pelas tradições da nossa terra, da nossa região.

JOÃO – Minha filha, eu sei que és muito inteligente...

JOANA – E muito sensível.

JOÃO – Pois, muito sensível. Faltava-me a palavra. Gostas muito da Fraga das Dunas e escreveste sobre ela uma folha muito bonita. Até empregaste palavras caras que, se não percebi duma maneira, percebi doutra. É para ti que trabalhamos, para o teu futuro. Mas temos de ir por partes. Amanhã, vou falar com o traste.

JOANINHA – Ah, sim, com o tal Alexandre.

JOÃO – Até pode ser que no meio da conversa eu descubra alguma ligação, sabe-se lá, entre o sr. Smith e o Reizinho. Peço-vos que me deixeis fazer as coisas à minha maneira. Até agora, não tenho nada, mesmo nada contra o sr. Smith. Devemos-lhe favores. É o trabalho na quinta dele que nos sustenta e fez-nos uma boa proposta. Gostei muito que tu, minha filha, fosses, como hei-de dizer?, contemplada, mas...

JOANINHA – Pai, papá, papazinho (*dando-lhe um beijo,*) estás a ficar muito desconfiado. Bom, compreendo: gato escaldado de água fria tem medo.

JOÃO – Deste no vinte, Joaninha. O seguro morreu de velho.

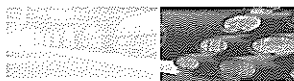
JOANA – Entendidos. Se amanhã vais falar com o Alexandre e na segunda feira vamos trabalhar para a quinta... Mas, João, por favor, pensa nisto: o incêndio foi há três meses e só hoje é que o Gaspar e o sr. Smith vieram aqui.

JOÃO – Mas também só hoje é que o Alexandre saiu de feitor do Reizinho. A coisa bem sei, não sou assim tão ceguinho, pode não querer dizer nada..., ser, como hei-de dizer?, uma coincidência. Mas... ide por mim: o seguro morreu de velho.

VOZ OFF DA PERSONAGEM – Hi, hi, hi.

JOÃO (*para Joana*) – Estás-te a rir, mulher?

JOANA – Também ouvi. Foi um pássaro lá fora. Parecia o marantêu. Pega, corvo, um deles.



## VIII

*(Joana aproxima-se da janela e a seu lado coloca-se a Personagem. João vai para o centro da cena e Joaninha para o postigo-janelinha do seu cubículo. Música de Bach em surdina. Um clarão sucessivamente verde, azul e vermelho, irrompe da janela.)*

JOANA – O sol está a pôr-se.

JOÃO *(com a sua sombra em figura de homem-máquina no telão)* – A manhã não tarda aí.

PERSONAGEM – O tempo é um sonho adiado.

JOANINHA – Só hoje a Fraga das Dunas entrou definitivamente na nossa vida. A vida que enche esta caverna, o espírito, seu rumor, a guerra e a paz. O passado e o futuro. O presente não existe: desaparece, mal o sabemos. Bola de sabão. A beleza de ser.

PERSONAGEM – Sim, a guerra de que falam estas pedras. A paz de que estas pedras falam. Sem o medo da guerra a paz não teria sentido. É a terra de que somos feitos. Sua noite e sua luz. A noite-luz.

JOANINHA – O barco anda à deriva no rio, mas ainda não se afundou. *(Paisagem duriense no telão.)*

JOÃO – Pode esmagar-se contra o rochedo.

JOANA – Pode acolher-se à ramagem do amieiro.

PERSONAGEM – Mas continua.

JOANINHA – Ainda não se afundou.

JOANA – O barco é frágil. Anda à deriva.

JOÃO – Que pena se o barco se afundar! *(Firmemente)* Não se afundará.

*(Fim de Homem-Máquina e de paisagem duriense no telão.)*

JOANINHA – Estão a ver o que eu estou a ver? *(Aponta para a janela.)* Um ramo de videira, cheio de cachos, está a entrar na janela. *(O ramo entra e fica pendurado no lado interior com alguns cachos de uvas à vista. Joaninha desce, abandona o seu aposento e aproxima-se, embevecida.)*

JOANA *(Canta em ritmo muito lento.)* – Não cor-tes a vi-dei-ri-nha, ó-ai, que so-be pe-la janela.

*(Névoa em cena provocada por máquina de vapor de água, irrisado por jogo de luzes. Todos se abeiram dos cachos, desprendendo e comendo demoradamente, cada qual, um ou mais bagos de uva. Subitamente dão as mãos, cantam e dançam.)*

TODOS – Chora a videira, / a videirinha./ Chora a videira / que é prenda minha. *(Repetem e saem.)*

